



ENTRE MARIAS, GENIS E FABÍOLAS: MANUTENÇÕES E POSSIBILIDADES EMANCIPATÓRIAS NO IMAGINÁRIO FEMININO.

Aleksandra Stambowisky de Carvalho

CEFET/RJ aleksstambowisky@hotmail.com

RESUMO: Os frequentes discursos de ódio e a deliberação social sobre o corpo feminino na sociedade contemporânea foram os fomentadores para elaboração desse trabalho que tem como objetivo refletir acerca de possíveis relações dialógicas (BAKHTIN, 2003, 2009) e discursivas no imaginário (ORLANDI, 1994) feminino encarnado, nessa proposta, em Fabíola Barros, Maria de Magdala, Pombagira e Geni. Nossa proposta é de um entramar histórico (FILÉ, 2015) em busca de pistas que permitam identificar manutenções de violência, material e/ou simbólica, no tocante a esses imaginários, bem como possíveis caminhos emancipatórios “refletidos” e “refratados” (BAKHTIN, 2009) nessas personagens. Palavras-chave: gênero, discurso, dialogismo.

O trabalho proposto é um desdobramento de uma pesquisa desenvolvida no CEFET/RJ, no curso de Relações Étnico-raciais, intitulada “Na boca de quem não presta”: Pontos cantados de Pombagira, uma proposta de análise. O objetivo é propor a observações de algumas possíveis relações dialógicas do imaginário feminino por meio de Maria de Magdala (SARAMAGO, 2009), Pombagira – entidade pertencente ao panteão umbandista, Geni – travesti/prostituta da Ópera do Malandro, e Fabíola Barros – conhecida em todo Brasil após a divulgação de um vídeo na internet.

Proponho um entramar¹ histórico (FILÉ, 2015) em busca de pistas que permitam identificar manutenções no tocante a esses imaginários, bem como possíveis caminhos emancipatórios “refletidos” e “refratados” (BAKHTIN, 2009) nessas personagens. A enorme repercussão midiática do caso de Fabíola Barros desafiou-me a escrever sobre esses discursos que são

¹ O conceito de entramar é utilizado pelo professor doutor Valter Filé, docente no curso de pós-graduação em Educação, da Universidade Rural Fluminense, utilizado de maneira análoga ao conceito bakhtiniano de dialogismo. Entramar seria construir uma trama, rede de relações/ligações.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

frequentemente pautados pelo ódio e regulações sexuais.

Fabíola foi flagrada por Carlos Eduardo, seu então marido, em quinze de dezembro de 2015, na saída de um motel em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte (MG). Foi agredida física e psicologicamente, além de ter sua imagem/vida exposta em rede nacional, através da divulgação de um vídeo no Youtube. A gravação foi registrada por um colega do casal que narrou cada momento e, por vezes, agrediu verbalmente Fabíola e incitou seu companheiro a violência.

O registro viralizou sendo amplamente veiculados por diferentes redes sociais (Facebook, Twitter, etc.), programas de televisão, matérias jornalísticas, memes e até paródias musicais.

Poucas matérias foram dedicadas a analisar o contexto histórico-social na qual o episódio desenvolveu-se. Nesse sentido, destaco a publicação do jornalista, publicitário e roteirista Lelê Teles, no site Brasil 247, intitulada “Fabíola, lute como uma garota”. Por meio das pistas linguísticas de Teles, desenvolvemos nossas observações ancoradas no conceito de dialogismo de Mikail Bakhtin (2003,2009), como ferramenta interpretativa neste artigo.

O conceito de dialogismo foi forjado por Bakhtin ao longo de seus estudos sobre filosofia da linguagem. Para o autor (BAKHTIN, 2003, p.272), “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Em suas palavras, Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes –dos seus e alheios- com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações(baseia-se neles,polemiza com eles,simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte).BAKHTIN, 2003, p.272.

Teles construiu um texto em linguagem coloquial, estabelecendo relações dialógicas entre Fabíola, Geni e Maria de Madalena. Tal texto ressalta os estereótipos machistas que aprisionam/condicionam essas subjetividades.

Nesse fluxo discursivo, trazemos a baía o imaginário de Pombagira na tentativa ampliar perspectivas analíticas, sem, contudo, esgotar essas possibilidades.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em seu texto, Teles (2015) relata a repercussão midiática acerca da traição de Fabíola Barros – mulher, mãe, esposa, bancária, e o quanto o caso exprime a manutenção do machismo e do patriarcalismo em nossa sociedade. O jornalista construiu uma narrativa, amparando-se em diferentes gêneros do discurso (bíblicos, midiáticos, etc.). Intencionalmente ou não, solidificou sua reflexão dentro do conceito bakhtiniano de dialogismo ao explicitar os fios que conectam tais discursos.

Nesse sentido, compreendemos que Teles, transitou em uma cadeia dialógica discursiva acerca possibilita seus leitores identificarem algumas das relações sócio-históricas presentes na construção do conceito de gênero, bem como essas relações são permeadas por juízos de valores, passível de observação no trecho:

“o filme se desdobra numa narrativa estranha em que o discurso de ódio é todo voltado à mulher, ela é a safada, o amante, não; ela é a vagabunda, o amante, não; ela é a puta, o amante, não” (TELES 2015).

Como podemos notar a partir da análise de Teles, o vídeo em questão retoma construções discursivas que associam o feminino a ideias como

desprezível, desonesto e imoral, fato que corrobora para manutenção dos preconceitos, das violências e da naturalização do discurso de ódio. O autor questiona as razões pelas quais esse discurso de ódio seja restrito ao feminino, interpelando seus interlocutores quanto ao papel desempenhado pelo masculino e a ausência de julgamento de suas ações. Na narrativa estabelecida pelo vídeo, o masculino torna-se passivo, refém das ações do feminino.

É relevante resaltar que a misoginia que atinge a coletividade feminina é fartamente localizada em diferentes momentos históricos e neste trabalho encontra-se corporificada por Fabíola, Maria de Magdala, Pombagira e Geni.

Retomando o contexto do texto de Teles, percebemos a revelância da alteridade – eu/nós (ocidentais) e os eles/outros (iranianos) – e do quanto à mesma e os valores éticos são fluidos, variantes e influenciados por interesses. *Todos se lembram quando a mídia acionou os midiotas a odiarem o Irã, nos trouxe uma questão de alcova que mexeu fundo na hipocrisia nossa de cada dia.*

É que os barbudos malvados iriam apedrejar até a morte a jovem Sakineh,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

acusada de cometer adultério. TELES, 2015.

Com essa referência, o autor provocou seus interlocutores exemplificando como ações parecidas podem gerar reações distintas, além de apontar o quanto a solidariedade dos brasileiros é seletiva.

No tocante ao conceito de imaginário aqui desenvolvido, alinhame ao defendido pela autora Eni Puccinelli Orlandi. Para Orlandi (1994, p.56), as formações imaginárias são constituídas a partir das relações sociais que funcionam no discurso. Sendo assim, são mecanismos de projeção, presentes em todas as línguas.

Na perspectiva bakhtiniana (2003,2009), as práticas discursivas são indissociáveis das relações sociais. Os sujeitos são construídos e reconstruídos nas/pelas linguagens. Nesse sentido, parte expressiva da sociedade brasileira (re)produziu um discurso de ódio contra Fabíola, mas também contra todo um imaginário feminino que vem desde Maria de Madalena, a prostituta salva do apedrejamento por Jesus de Nazaré, passando por Exu Pombagira, considerada polo negativo de Exu, e chegando à Geni, travesti/prostituta violentada por toda uma cidade na

canção de Chico Buarque de Hollanda. História de agressões múltiplas produzidas, reproduzidas e disseminadas em uma sociedade misógina e patriarcal.

Maria de Madalena, personagem bíblica marcada pelo pecado, foi apontada por Teles (2015) como correspondente dialógico de Fabíola. Em suas palavras:

você pode não ter captado a mensagem, mas na Bíblia já rolavam essas paradas. Quando o Mestre encontrou uma turba, numa quebrada, pedras na mão, prontos a alvejar a Geni da vez, Jesus os admoestou: "aí, moçada, seguinte, aquele que porventura nunca houver pecado que atire a primeira pedra".

A misoginia baixou a guarda.

Em verdade o Mestre pode ter querido dizer o seguinte: "amigão, se ela é uma prostituta e cometeu o pecado de se prostituir, cada um de vocês merece também uma pedrada, afinal foi com cada um de vocês que ela se prostituiu". TELES, 2015.

Novamente o autor parece estimular seus interlocutores a questionarem a ausência de participação dos personagens masculinos no desenrolar das ações de violência e/ou



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

marginalização feminina. Sendo assim, além da violência física infligida a essas mulheres, fica evidente a violência simbólica expressa nessas ações.

Ao atribuir a subjetividade feminina a responsabilidade por sua própria queda e pela “fraqueza” no outro, culpabiliza-se o próprio feminino por seus infortúnios e desventuras, reforçando e introjetando a violência simbólica (SOIHET, 1997)

Em “O evangelho segundo Jesus Cristo”, o escritor José Saramago, descreveu Maria de Madalena ou Magdala como uma mulher bela, sensual e leviana. Diz o autor:

Não havia dúvida, a túnica, mesmo para um leigo, era de uma prostituta, o corpo de bailarina, o riso de mulher leviana. Jesus, em aflição, pediu à sua memória que o socorresse com algumas apropriadas máximas [...]. Foge do encontro duma mulher leviana, para não caíres nas suas ciladas, e logo, não andes muito com uma bailarina, não sucede que pereças por causa dos seus encantos, e finalmente, nunca te entregues às prostitutas, para que não te percas a ti e aos teus haveres.

SARAMAGO, 2009.

Saramago (2009) narra um suposto envolvimento físico e

emocional entre a prostituta (Maria) e o messias (Jesus), deixando-nos entrever uma séria de preconceitos e discriminações sofridos pela mulher, em virtude de sua profissão, assim como suas percepções ideológicas. Interessa ao autor problematizar os conflitos, misérias e tensionamentos humanos, sem, contudo defender pontos de vista éticos e/ou morais.

Por meio da descrição de Saramago, notamos as marcas do imaginário feminino sob a perspectiva judaico-cristã que associa o corpo ao pecado. Beleza, sensualidade e sexualidade, assim como a prostituição, também configuram um imaginário brasileiro chamado de Exu Pombagira. Pombagira é uma entidade da religiosidade afro-brasileira, localizada por Ramos na década de 30 do século XX, na cidade do Rio de Janeiro (CAPONE, 2007. BARROS, 2010). Conforme Augras (2000, p. 31), ao chegar ao Brasil em 1961, a mesma encontrou o culto da Pombagira bem estabelecido. A autora critica a escassez de registros acerca da entidade tendo em vista os amplos estudos produzidos na década de 30, por pesquisadores como Arthur Ramos e Édison Carneiro. Ainda segundo Augras (2000, p.30) o surgimento dessa personagem/entidade



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

é uma oposição à figura dessexualizada e desafricanizada das entidades femininas, especialmente de Iemanjá.

A umbanda parece ter promovido, em torno da figura de Iemanjá, um esvaziamento quase total do conteúdo sexual. Tal sublimação (ou repressão?) deu ensejo ao surgimento de nova entidade, pura criação brasileira, a Pomba-gira, síntese dos aspectos mais escandalosos que pode representar a livre expressão da sexualidade feminina aos olhos de uma sociedade ainda dominada por valores patriarcais.

AUGRAS, 2000, p. 17-18.

Além da profissão, Pombagira compartilha com Madalena o nome (são todas Marias). A entidade é, simultaneamente, singular e plural (BARROS, 2010) já que representa/comanda uma falange de espíritos.

Nos discursos vigentes, permanece carregando o estereótipo de prostituta sagrada, leviana e sem escrúpulos. É a mulher escandalosa e hipersexualizada, que não mede esforços para atingir seus objetivos (PRANDI, 1996). Seus pontos cantados, poemas musicados, mecanismos orais de transmissão e manutenção da cosmovisão umbandista, ressaltam

elementos temporais (noite), espaciais (estradas, encruzilhadas, cemitérios, cais do porto, etc.), bem como seus poderes sobrenaturais (morte, feitiço, encantamento, vingança), colaborando para reforçar discursos preconceituosos e racistas². Pombagira é a dama da noite, mulher da rua/vida, mulher de sete maridos e/ou de Lúcifer. Em um de seus pontos, podemos observar o seguinte quadro:

Na beira do cais

ela é a primeira

Ela é a segunda

Na boca de quem não presta

Essa Pombagira é vagabunda.

Domínio Público

Pensando nesse ambiente de marginalidade, prostituição e subversão, encontraremos outro sujeito aqui contemplado. Geni, da obra “A ópera do Malandro” (1977/78). Como Maria de Madalena e Pombagira, Geni é um

² Temos que considerar que esse imaginário/entidade é fruto de um hibridismo religioso estruturado a partir do processo de colonização. Assim, carrega elementos ameríndios, brancos (europeus) e, especialmente, negros. Para Monique Augras, Pombagira é uma reinvenção do poder feminino das Yamins africanas.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

feminino hipersexualizado que sobrevive à margem, através da prostituição. Geni é *de tudo que é nego torto*.

Através da letra Geni e o Zepelim, encontramos também marcas linguísticas acerca do espaço (*mangue, cais do porto, garagem, cantina, no mato, etc.*), de suas relações interpessoais (*rainha dos detentos, das loucas, dos lazarentos, dos moleques do internato, etc.*). Teles (2015), reitera a violência material e simbólica entre Fabíola e Geni, como observamos a seguir.

Ela é a Geni [...] essas mesmas pessoas estão agora a apedrejar Fabíola nas redes sociais. "joga bosta na Geni" [...]. sempre dá certo, não faltam misóginos prontos a jogar pedra na Geni.

TELES, 2015.

Não passa despercebido ao jornalista o tratamento desigual recebido por Fabíola ao longo do processo (filmagem, divulgação e debates posteriores) relativizando o senso de justiça dessa parcela da sociedade brasileira, permissiva e abusiva. Vemos um amplo movimento dialógico nesse trecho:

mas há uma questão ainda mais intrigante. como sabia que contaria com

a infâmia de todos os misóginos do mundo, o marido e o amigo não tiveram pudor em publicar o vídeo.

o lance é que no vídeo, Fabíola não cometia um único crime, o marido e o amigo cometiam vários. O mais grave, o traído arrancou a esposa pelos cabelos do automóvel do traidor e lhe deu umas bofetadas. O cara filmou uma agressão a uma mulher e divulgou nas redes sociais na boa. Ele não só a apedrejou como exibiu a garota em praça pública para que ela fosse virtualmente apedrejada por um milhão de marmanjos. O que bateu cometeu um crime e o que filmou a agressão e deu a ela publicidade, ao invés de socorrer a mulher agredida, também criminou.

Marias, Genis, Fabíolas... Femininos invadidos, agredidos, insultados. Discursos misóginos e conservadores de práticas sexistas. Para além de uma visão simplista, esses exemplos demonstram o quanto precisamos reformular/reinventar nossas perspectivas no tocante às questões de gênero. Lutamos por direitos, não por concessões.

Será que reside o caráter revolucionário desses dramas? Onde podemos localizá-lo?

No enfrentamento, na insubmissão e na



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

luta por uma sociedade

emancipadora/igualitária. Assim como Michel de Certeau apontada em sua obra “A invenção do cotidiano: Artes do fazer”, esses exemplos devem ser discutidos ampla e criticamente, apontando suas contradições e inadequações às demandas contemporâneas. Essa táticas (CERTEAU, 2007) são sinalizadas no texto de Teles (2015), ao exemplificar as adequações impostas pelo feminismo contemporâneo:

Fabíola, o jogo já virou.

Viralizou a tag em que as garotas perderam a vergonha de falar sobre assédio, isso deve ser vergonhoso para os homens e não para as mulheres.

Viralizaram os vídeos das garotas, ainda adolescentes, enfrentando os marmanjos conhecidamente violentos da PM de Alckmin. Foram as mulheres as protagonistas das maiores manifestações contra o até então todo poderoso Eduardo Cunha.

enquanto toda a república se ajoelhava para as chantagens de Cunha, as mulheres foram à rua enfrentá-lo: Cunha sai, Pílula fica.

As garotas da Globo, que foram ofendidas por racistas, foram às redes sociais e os enfrentaram, mostraram que quem deveria sentir vergonha eram eles.

TELES, 2015.

O autor reitera,

o exemplo é esse, Fabíola.

querem que você fique em casa chorando como uma mulherzinha, com vergonha de tudo e de todos. Isso está errado.

Assim como Francisco Buarque de Hollanda, que construiu uma tática de resistência ao produzir uma obra como “A ópera do Malandro”, em pleno regime de ditadura militar (1977/78), que possamos construir nossos próprios caminhos de denúncia e emancipação.



Como conclui Teles (2015), Fabíola, erga a cabeça e lute como uma garota.

Sejamos/façamos nossas próprias salvações.



REFERÊNCIAS:

AUGRAS, Monique. **De Iyá Mi a Pomba-gira: Transformações e símbolos da libido**. In: Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras/Org. Carlos Eugênio Marcondes Moura. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

BARROS, Mariana Leal. **Labareda, teu nome é mulher: análise etnopsicológica do feminino**. USP, Ribeirão Preto, 2010.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. 4º ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

_____ **Filosofia da linguagem**. 12ª Edição – 2006 - HUCITEC

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 13º ed. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Geni e o Zepelim**, 1977.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto, Brasília, ano 14, nº 61, jan/mar.1994.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil. **Herdeiras do Axé**. São Paulo, Hucitec, 1996, Capítulo IV, pp. 139-164.

SOIHET, Raquel. **Violência simbólica: Saberes masculinos e Representações femininas**, 1997.

TELES Lelê. **Fabíola, lute como uma garota**. Disponível em:

<http://www.brasil247.com/pt/colunistas/leleteles/210201/Fab%C3%ADola-lute-como-uma-garota.htm>. Acessado em 18 de dezembro de 2015.